

## Os elementos de desenho das praças de Maringá-PR

Bruno Luiz Domingos De Angelis<sup>1\*</sup> e Generoso De Angelis Neto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Agronomia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.

<sup>2</sup>Departamento de Engenharia Civil, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.

\*Author for correspondence. e-mail: bldangelis@uem.com

**RESUMO.** O presente trabalho busca um melhor conhecimento das praças de Maringá a partir do estudo de três de seus elementos: mobiliário (bancos, luminárias, piso), tipologia e sua inserção na trama urbana. Analisadas todas as praças da cidade, em número de noventa e nove, conclui-se que, embora Maringá tenha sido uma cidade planejada, os aspectos motivo de estudo não condizem com o padrão de planejamento idealizado inicialmente.

**Palavras-chave:** Maringá, mobiliário urbano, planejamento urbano.

**ABSTRACT.** The design elements of the squares in Maringá city. The present study aims to improve the knowledge on the squares in Maringá city through the research of three elements: furniture (benches, illumination, pavement), typology and their insertion in the urban plot. All the ninety-nine squares have been analyzed and it was concluded that, although Maringá has been planned, the aspects observed in this study do not correspond to the standard planning initially idealized.

**Key words:** Maringá, urban furniture, urban planning.

O cotidiano maringaense desenvolve-se e gravita, em grande parte, em torno de suas praças. O centro político-administrativo formado pelo paço municipal, fórum e câmara dos vereadores situa-se junto a duas praças contíguas: Deputado Renato Celidônio e da Catedral. O trânsito da cidade flui por amplas avenidas, cuja monotonia é quebrada pela presença espaçada de praças em forma circular. Um dos principais eixos da cidade - a Avenida Getúlio Vargas - tem em suas extremidades duas praças: Raposo Tavares e Deputado Renato Celidônio. O ponto de maior apelo turístico - a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória - localiza-se em uma praça: a da Catedral. É partindo desse contexto, o da importância das praças para a cidade de Maringá, que se procura estudá-las a partir de seus elementos de desenho: tipologia, inserção na trama urbana e mobiliário.

A praça, desde muito (ágora e fórum romano), fora concebida como espaço social por excelência, onde comumente desfilava o cotidiano das pessoas. Era local de encontros, de tomadas de decisões de interesse da comunidade, de espetáculos, execuções, ofício religioso, comércio, festas, enfim, a vida da cidade tinha, necessariamente, que passar por ela. Com o advento de formas alternativas de lazer e

novos locais para estabelecimento do comércio, associado ao descaso persistente do poder público frente à manutenção das praças, essas passaram a constituir-se em um fragmento a mais dentro da malha urbana (Angelis, 2000).

Na construção do espaço pela sociedade, a praça, como qualquer outro, transmuta-se, submetendo sua geometria, volume e linhas a novas razões de conteúdo - sua função. Embora de existência antiga, as formas de ocupação pelo homem e as ações por ele desenvolvidas nesse espaço é sempre atuais. O uso ou a apropriação dos espaços, na forma mais autêntica, decorre da aspiração da comunidade e obedece às suas necessidades socioculturais (Motta, 1970).

A temática do desenho das praças ou de qualquer outro espaço público está inserida em um contexto maior, que é o desenho urbano. Para Macedo (1986:104), "ao falarmos de Desenho Urbano estamos automaticamente nos referindo a uma forma de intervenção ou criação da Paisagem Urbana, seja ela feita sobre tecido urbano pré-existente - áreas em renovação urbana ou sobre áreas ainda não urbanizadas - como em áreas de expansão das cidades." O desenho urbano apresenta-se como a forma mais adequada de tratar e encaminhar o

processo de evolução e renovação dos fragmentos urbanos. Nesse processo, não se pode relegar a plano secundário a interação social que corresponde às relações de influência mútua entre espaço e sociedade aí posta. Por outro lado, constata-se que os estudos de morfologia urbana atêm-se, quase sempre, a questões eminentemente técnicas, em detrimento das relações sociais. Esse comportamento, de acordo com Caniggia (1984), acaba por tensionar a sociedade, uma vez que se tem hoje uma aguda disputa pela ocupação do espaço urbano por parte de diferentes grupos sociais. A consequência disso é a privatização dos espaços públicos, a segregação e o surgimento crescente de zonas de exclusão com seus respectivos excluídos. O que se está criando é uma sucessão de *clusters* de uso privativo de grupos: são os condomínios fechados, horizontais e verticais, as favelas, onde ninguém estranho entra impunemente, as zonas comerciais da classe média, entre outros.

Torna-se imperativo repensar o papel que os espaços públicos têm nos dias de hoje. Nesse contexto toma vulto a questão do desenho urbano, não sendo mais possível planejar a cidade dissociada da questão social. E ao fazermos menção do desenho urbano, referimo-nos, inclusive, às minúcias dos diversos logradouros e, em se tratando das praças, isso significa o estudo de seu mobiliário, sua tipologia e sua inserção na malha urbana. O somatório desse conhecimento propicia um diagnóstico preciso sobre esses espaços, ao mesmo tempo que fornece subsídio na busca de soluções para se fazer frente aos problemas sociais ocorrentes nesses logradouros e na cidade como um todo.

### Metodologia

São motivo de interesse dentro do presente trabalho os elementos que compõem o desenho das praças maringenses, que, por sua vez, constituem-se em parcelas ou fragmentos do todo urbano. Foram estudados três de seus aspectos: tipologia, sua inserção na trama urbana e seu mobiliário. Foram levantadas todas as praças de Maringá, em número de 99 (Angelis, 2000), de forma que se obtivesse um retrato fiel da sua situação.

**Tipologia.** Até o final do século passado e início do presente, quando se “abriram” as cidades e procedeu-se a uma “limpeza” sanitária, as praças eram criadas ao sabor do poder dominante - clero, nobreza, realeza -, e despojadas de um planejamento que as inserisse na *urbe*. Com o vento reestruturador que assolou sobretudo a Europa no campo

urbanístico, os espaços públicos passaram a ser planejados em consonância com as necessidades das cidades, e não mais para satisfazerem caprichos e vontades pessoais. Normas e regras ditam o espaço ocupado por tais espaços. A praça passou, a partir de então, a ser estruturada dentro de um contexto mais amplo: o de um espaço que abarca um conjunto composto por vias, passeios e edificações. Ela já não é um elemento aleatório e isolado na trama urbana: ela compõe, interage, harmoniza o ambiente circundante. De simples componente estético para embelezamento, a praça transformou-se no centro da cidade.

O estudo da tipologia dos espaços públicos pressupõe o conhecimento de sua identidade, estrutura e significação e a imaginabilidade. Lynch (1966) define a imaginabilidade como sendo a qualidade do objeto físico que lhe confere uma grande probabilidade de suscitar uma imagem vigorosa em qualquer observador. O atributo de identidade permite conhecer uma praça como entidade diferenciada, distinguindo-a dos demais logradouros. A estrutura conforma a imagem através da relação espacial entre a praça e seu entorno, integrando ambos em um conjunto único. A significação, por sua vez, é um atributo que comporta valor simbólico para o observador, transformando a praça em um espaço reconhecível e representativo para os habitantes da cidade.

O estudo da tipologia ou dos arquétipos das praças encontra em diversos autores trabalhos desenvolvidos: Dodi (1946), Rigotti (1956), Zucker (1959), Lynch (1978), Alexander (1980), Matas Colom *et al.* (1983), Sitte (1992).

Tendo por base os estudos elaborados pelos autores acima citados, as praças maringenses foram caracterizadas em quatro grupos: praça de igreja, de descanso e/ou recreação, de circulação e de significação visual. Essa tipologia levou em consideração seu uso mais comum, sua localização, sua estrutura e seu caráter funcional. Sua contextualização dá-se nos dias atuais e, muito provavelmente, um estudo histórico ensinaria outra tipologia no passado, da mesma forma que, certamente, no futuro seria uma outra. Segundo sua categorização, as praças de Maringá estão assim classificadas: quarenta e duas como de circulação, vinte e três de descanso e/ou recreação, onze de igreja e quatro de significação visual. Dezenove restantes não foram classificadas em função de não estarem urbanizadas. As onze praças classificadas

como sendo de igreja<sup>1</sup> assim o foram justamente por apresentarem templo religioso em sua área.

As praças classificadas como de descanso e/ou recreação<sup>2</sup> foram assim categorizadas tendo-se em vista a existência de uma ou mais estruturas compatíveis com as funções precípua de descanso e/ou recreação. Tais estruturas podem ser: cancha esportiva, parque infantil, estrutura para terceira idade, equipamentos para prática de exercícios físicos, e qualquer outra que permita o lazer ativo e/ou passivo. Geralmente são praças que estão localizadas fora da região central da cidade, em bairros residenciais. Praças classificadas com função de circulação<sup>3</sup> são aquelas inseridas em regiões da cidade de mais intenso trânsito, seja de pedestres seja de automóveis. Embora classificadas como de circulação, não significa isto que estejam desprovidas de qualquer outra estrutura de recreação e/ou descanso. Sua categorização deu-se em função de seu uso mais importante, no caso, a circulação. Das noventa e nove praças maringenses quatro foram classificadas como sendo de significação visual. Assim foram categorizadas por conterem em sua área edificações que se destacam por sua arquitetura, ou por edifícios públicos que servem como referencial para serem lembradas. Essas praças são: da Catedral - contém a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória; 21 de Abril - tem em seu espaço o Teatro Kalil Haddad; José Bertoni - ocupada pelo Núcleo Integrado de Saúde Sadao

<sup>1</sup> Praças: Emiliano Pernetá, da Capela, das Palmeiras, Nossa Senhora Aparecida, Cidade de Brescia, das Américas, Sagrado Coração de Jesus, Vicente Simino, Santo Antônio, General Gomes Carneiro e Santa Izabel.

<sup>2</sup> Praças: Largo Pioneiro José Inácio, Todos os Santos, Pedro Álvares Cabral, Manoel Ribas, Pio XII, Ary Barroso, dos Sertões, praça sem denominação (localizada à Rua Alexandre Bel com Alfredo Braido, Núcleo Habitacional Santa Felicidade), Juiz Fernando Antônio Vieira, Pioneiro Antônio Laurentino Tavares, Londrina, da Glória, Megumi Tanaka, Vereador Eurico Vieira Guido, Naturalista Augusto Ruschi, Salgado Filho, da Independência, Professora Rachel D. P. Pintinha, São Benedito, Vereador Oswaldo Vieira, Professora Nadir Aparecida Cancian, Farroupilha e Regente Feijó.

<sup>3</sup> Praças: Rocha Pombo, Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, Presidente Kennedy, José Bonifácio, 7 de Setembro, Rotary Internacional, Geoffrey Wild Diment, Ministro Antônio Salazar, Vereador Malaquias de Abreu, dos Expedicionários, Amábilé Giroldo, Lions, Pioneiro Júlio Ribeiro Vilella, Pioneira Thereza R. Barriquelli Covre, Jardineiro Altino Cardoso, Emílio Farjado Espejo, Pioneiro Jacinto Ferreira, Luiz Gonzaga, Nilza de Oliveira Pipino, Henrique Fregadolli, Jitsuji Fujiwara, Pioneiro Fiori Progiante, do Aeroporto, Senador Abilon Souza Naves, praça sem denominação (localizada à Avenida Gastão Vidigal com Centenário, Bairro Aeroporto), Pioneiro Olímpio Forcelli, praça sem denominação (localizada à Rua Mitsuzo Taguchi com Luiz Carlos Sossai, Jardim Internorte), Pioneiro Bento de Freitas da Silva, Maestro Ancieto Matti, Professor Ester G. Josepetti, Professor Ary de Lima, Pioneiro Galilleu Rigolin, Vila Rica, São Vicente, Outro Preto, Júlio Jerônimo dos Santos, Olinda, Largo Júlio do Carmo Esteves, praça sem denominação (localizada à Avenida Alziro Zarur), Largo das Garças e Largo Pioneiro Irineu Murazi.

Inaoka; Centro de Convivência Renato Celidônio - a prefeitura ocupa parte de seu espaço.

**A inserção da praça na trama urbana.** Uma cidade tem por espinha dorsal de sua estrutura as vias públicas, sendo que, de toda infra-estrutura urbana, é essa a primeira a se fazer presente, remontando à Roma antiga (Zmitrowicz e Angelis Neto, 1997). Seus cruzamentos e interseções determinam não somente o fluxo de automóveis, mas também o surgimento de logradouros públicos. A importância das vias para as praças reside no fato de sua forma vir a ser definida por aquelas, determinando os diferentes tipos de configuração.

A estética urbana que prevaleceu até o início deste século era caracterizada por manter distante das praças o excesso de vias. Esse procedimento, de acordo com Dodi (1946), permitia que uma praça fosse descortinada paulatinamente ao espectador, evitando aberturas por demais visíveis. Sitte (1992), ao abordar a influência das vias públicas na conformação das praças, diagnosticou três sistemas principais: o sistema retangular, o sistema radial e o sistema triangular -, e alguns secundários, decorrência daqueles. Na década de cinquenta Rigotti (1956) apresenta os primeiros estudos mais acurados sobre a inserção das praças na trama urbana, levando em consideração a presença e números de vias enquanto elemento estruturador desses espaços. É nesse contexto que o referido autor classifica as praças em quatro grupos: praças radiais, em leque, de junção tangencial, de junção axial ou de atravessamento direto.

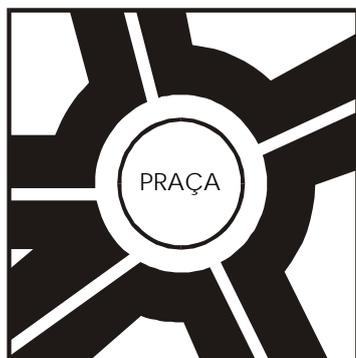
No estudo sobre a inserção das praças na trama urbana maringense foram levantadas cinco tipos e nove subtipos, considerando-se o traçado das vias na conformação das mesmas.

### **Tipo 1. Praças conformadas por uma única via**

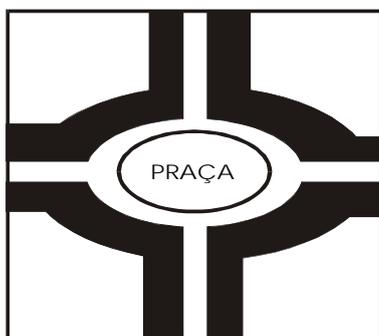
**Subtipo 1a. Praças redondas.** São praças de distribuição do trânsito formadas por uma via que as circunda, onde desembocam outras vias, geralmente em número de quatro (Figura 1, subtipo a). É o tipo de praça mais comum em Maringá, em número de 40, estando dispostas ao longo de todas as vias principais. Compõem esse grupo as praças listadas na nota de rodapé <sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Praças: Rocha Pombo, Presidente Kennedy, José Bonifácio, Sete de Setembro, Rotary Internacional, Geoffrey Wild Diment, da Catedral, Manoel Ribas, dos Expedicionários, Pio XII, 21 de Abril, Deputado Heitor Alencar Furtado, sem denominação (localizada à Av. Carlos Correia Borges com Anel Viário), Pioneiro Julio Ribeiro Vilella, Pioneira Thereza R. Barriquelli Covre, Emílio Farjado Espejo, Megumi Tanaka, das Palmeiras, Pioneiro

**Subtipo 1b. Praça oval.** O tipo em tela diferencia-se da anterior tão somente pela forma geométrica, sendo configurada, também, por uma única via (Figura 1, subtipo 1b). Maringá conta com um exemplo dentro desse subtipo: Praça Jardineiro Altino Cardoso.



Subtipo 1a



Subtipo 1b

**Figura 1.** Esquema de praças conformadas por uma única via.  
Fonte: Angelis (2000)

## Tipo 2. Praças conformadas por duas vias

No presente caso foi possível distinguir três modos (subtipos) diferentes de conformar o espaço a partir da duas vias estruturantes.

**Subtipo 2a.** Formada a partir de uma via que cruza uma segunda que, por sua vez, está circundando o espaço em questão. Essa interceptação de vias acaba por propiciar o aparecimento de uma praça descontínua, ou seja, há o surgimento de dois “bolsões”, criados em ambos os lados de uma das vias. Como resultado tem-se uma praça circular

bipartida (Figura 2, subtipo 2a). A exemplificar o subtipo: Praça Ary Barroso.

**Subtipo 2b.** Esse subtipo propicia o aparecimento de praças que se comportam como “alças” dentro da trama urbana, visto serem formadas pela interceptação de uma via retilínea com outra que apresenta traçado semicircular (Figura 2, subtipo 2b). Três praças compõem esse subtipo: das Bandeiras, Nilza de Oliveira Pipino e Pioneiro Fiori Progiante.

**Subtipo 2c.** O espaço criado é resultante da interseção de duas vias que formam um ângulo de 90°. Duas das quatro faces da praça são ocupadas por edificações (Figura 2, subtipo 2c). Um caso ilustra o presente subtipo: Praça Largo das Garças.

## Tipo 3. Praças conformadas por três vias.

No caso de Maringá, dois foram os subtipos encontrados.

**Subtipo 3a.** O caso mais simples é o da praça triangular, criada a partir da interceptação de três vias, formando a referida figura geométrica (Figura 3, subtipo 3a). Compõem esse grupo as praças listadas na nota de rodapé<sup>5</sup>.

**Subtipo 3b.** A praça é formada por duas vias paralelas e uma ortogonal a elas, sendo que a quarta face é ocupada por edificações (Figura 3, subtipo 3b). Uma praça ilustra o presente caso: Naturalista Augusto Ruschi.

## Tipo 4. Praças conformadas por quatro vias

A constituir o tipo em tela encontrou-se duas variações ou subtipos.

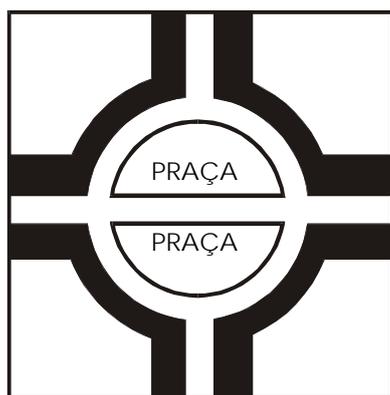
**Subtipo 4a.** Origina praças quadrangulares ou retangulares, frutos que são do cruzamento de quatro vias, sendo duas a duas paralelas entre si

Jacinto Ferreira Branco, Atleta Reinaldo G. Bittencourt, Arnaldo Armstrong de Oliveira, Ney Braga, sem denominação (localizada à Av. Antônio Ruiz Saldanha com Anel Viário), sem denominação (localizada à Av. Pioneiro Maurício Mariani com Anel Viário), Luiz Gonzaga, Henrique Fregadolli, Jitsuji Fujiwara, das Américas, Senador Abilon Souza Naves, Pioneiro Bento de Freitas da Silva, da Independência, Pioneiro Gaillieu Rigolin, Vila Rica, São Vicente, Ouro Preto, Farroupilha, Regente Feijó, Emygdio de Britto, Largo Pioneiro Irineu Murazi, Raphaelha Name Lucchesi.

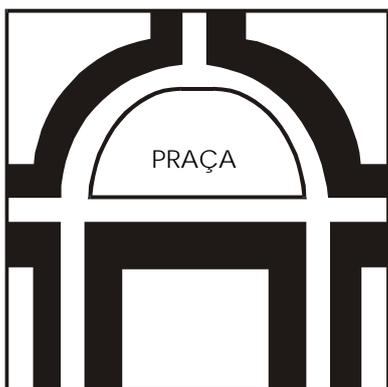
<sup>5</sup> Praças: Ministro Antônio Oliveira Salazar, Vereador Malaquias de Abreu, Amábile Giroldo, Pioneiro Antônio Laurentino Tavares, Londrina, sem denominação (localizada às Avenidas Gastão Vidigal e Centenário), Pioneiro Olímpio Forcellini, sem denominação (localizada à Rua Mitsuzo Taguchi com Luiz Carlos Sossai), sem denominação (localizada à Rua Alexandra com Nicarágua), Maestro Aniceto Matti, Professor Ester G. Josepetti, Professor Ary de Lima, Júlio Jerônimo dos Santos, Professora Nadir Aparecida Cancian, Olinda, sem denominação (localizada às Avenidas Jinroku Kubota com Lucílio de Held), Largo Júlio do Carmo Esteves, sem denominação (localizada à Av. Alzira Zarur), Zumbi dos Palmares, sem denominação (localizada à Rua Antônio Tait com Olivar F. de Paiva).

(Figura 4, subtipo 4a). Compõem esse grupo as praças listadas na nota de rodapé<sup>6</sup>.

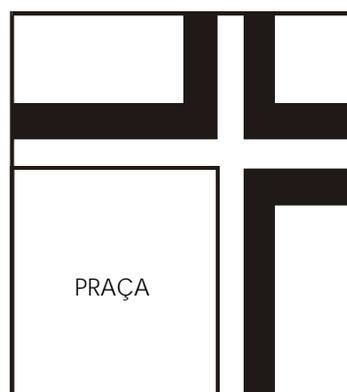
**Subtipo 4b.** É o caso da praça triangular bipartida conformada por duas vias que se interceptam ortogonalmente, e duas outras que, ao se cruzarem, formam o vértice de um triângulo. A praça, nesse caso, é seccionada em duas partes (Figura 4, subtipo 4b). Os exemplos em Maringá são: Praça dos Sertões e Lions.



Subtipo 2a

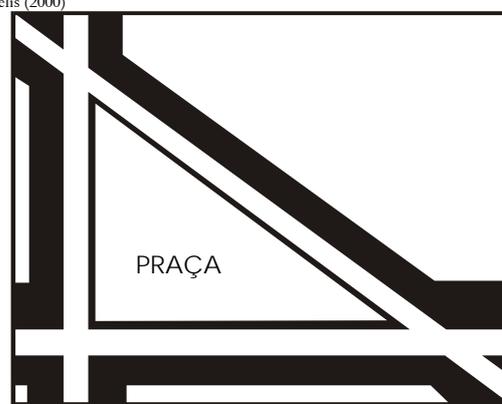


Subtipo 2b

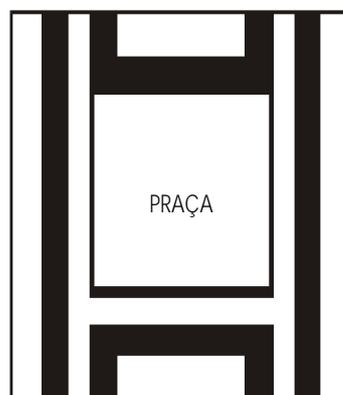


Subtipo 2c

**Figura 2.** Esquema de praças conformadas por duas vias. Fonte: Angelis (2000)



Subtipo 3a



Subtipo 3b

**Figura 3.** Esquema de praças conformadas por três vias. Fonte: Angelis (2000)

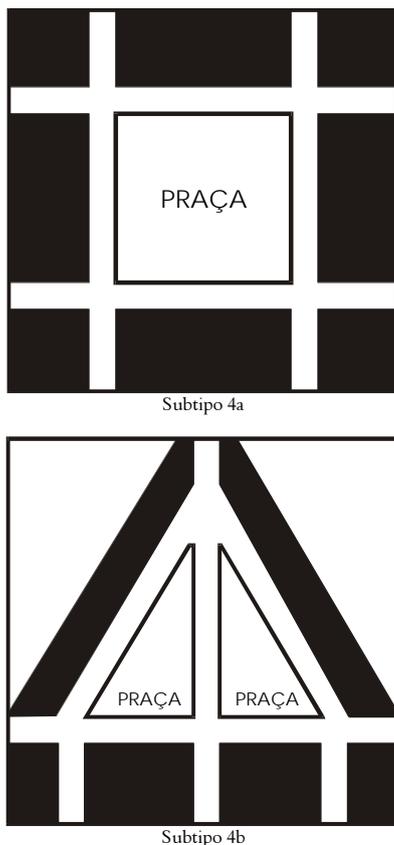
### Tipo 5. Praças conformadas por cinco vias

São praças quadrangulares conformadas por quatro vias paralelas duas a duas, sendo que a essas soma-se uma quinta, que secciona a praça ao meio (Figura 5). Uma praça ilustra esse tipo: Todos os Santos.

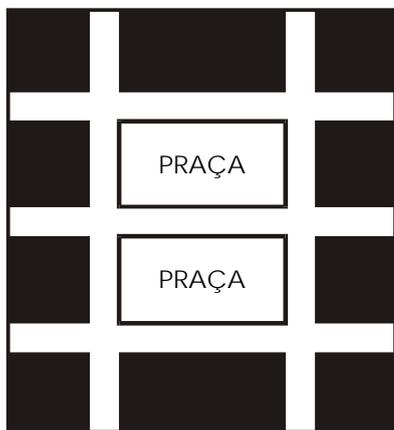
**Mobiliário.** O termo mobiliário urbano tem sua origem a partir da tradução literal do francês *mobilier urbain* ou do inglês *urban furniture*. Segundo Creus

<sup>6</sup> Praças: Nações Unidas, Napoleão Moreira da Silva, Largo General Osório, Largo Pioneiro José Inácio da Silva, Pedro Álvares Cabral, sem denominação (localizada à Rua Gebel com Alfredo Braido), da Glória, Cidade de Bréscia, do Aeroporto, Sagrado Coração de Jesus, sem denominação (localizada à Rua São Lourenço com Diogo Zuliani), Santo Antônio, Santa Isabel, Emiliano Perneta, Raposo Tavares, Juiz Fernando Antônio Vieira, da Capela, Nossa Senhora da Aparecida, Vereador Eurico Vieira Guido, Salgado Filho, Elídio Neto Laranjeira, São Benedito, Deputado Renato Celidônio, Vicente Simino, Professora Rachel D. P. Pintinha, José Bertoni, Vereador Oswaldo Vieira, General Gomes Carneiro, sem denominação (localizada à Rua Projetada 45-6 com Projetada 45-7).

(1997), a palavra mobiliário traduz a idéia de mobiliar ou decorar (do italiano *arredo urbano*; *arredare* = decorar). A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), através do Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, assim define mobiliário urbano: “Todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados” (NBR 9283).



**Figura 4.** Esquema de praças conformadas por quatro vias. Fonte: Angelis (2000)



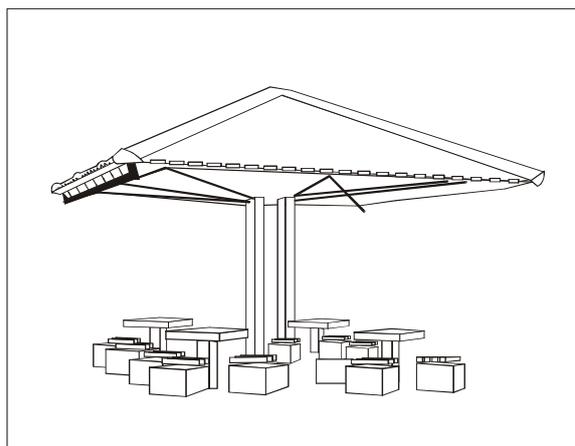
**Figura 5.** Esquema de praça conformada por cinco vias. Fonte: Angelis (2000)

Em nenhum outro momento o mobiliário urbano esteve tão em evidência como hoje no que diz respeito à sua incorporação ao desenho das cidades, à sua organização ou à qualidade e comodidade do espaço, acabando por interessar à própria produção industrial (Lamas, 1993). Diferentemente da forma como se vê a existência do mobiliário urbano, isolado no espaço público, ele deve estar inserido em um contexto mais amplo, que é o da cidade como um todo, e não ser apenas um elemento de decoração. As exigências do progresso, a complexidade da trama urbana, o surgimento de novas atividades, o avanço de novas tecnologias e a demanda por novos serviços têm provocado mudanças nas cidades, convertendo-as em território de máxima concentração de informação e de acessibilidade. “Desenhar” este território a partir de sua natureza estrutural variada, dotando-o de uma qualidade urbana real e duradoura, deve considerar, sobretudo, a presença dos espaços coletivos urbanos e os elementos que os compõem (mobiliário urbano). Por sua vez é preciso planejar com critério esse mobiliário urbano, atentando para seus aspectos de funcionalidade, racionalidade e emotividade (Pelizzari, 1995; Creus, 1997). Por sua vez Tandy (1980) lista seis elementos que devem ser considerados na escolha dos acessórios para logradouros públicos: função, durabilidade, permanência, intensidade de uso, custos e característica local.

Embora se tenham levantado vinte e duas diferentes estruturas e/ou equipamentos que compõem as noventa e nove praças de Maringá (Angelis, 2000), far-se-á o estudo de apenas três: bancos, pisos e luminárias. Restringiu-se o universo de estudo, visto que, após levantamento qualiquantitativo de todas as estruturas e equipamentos, constatou-se serem esses os mais significativos, os de maior ocorrência e representativos do conjunto das praças maringenses.

**Bancos.** Ao se pensar em uma praça, surge como uma das primeiras associações de idéias o descanso, o sentar-se, o conversar, contemplar ou, simplesmente, tomar sol. Podem-se entender os assentos públicos - seu tipo, uso e desenho - como uma clara indicação do grau de cultura cívica e do bem-estar e comodidade que a cidade oferece a seus cidadãos. Genericamente, a inserção dos bancos nas praças de Maringá segue padrões universais: com ou

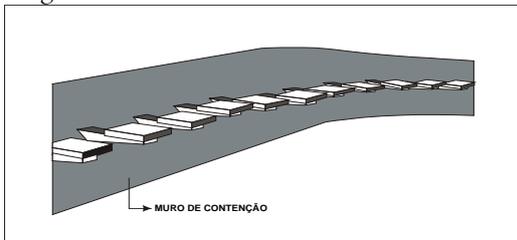
sem encosto e confeccionados de madeira, ferro, concreto ou alvenaria, isoladamente, ou associando-se mais de um desses materiais. Fora desse universo as variações são mínimas e de importância menor. As diferenças mais significativas são observadas no *design*. A criatividade, aliada à funcionalidade, é fator determinante na busca de um conjunto agradável e harmonioso, resultando em bancos que fogem aos padrões convencionais, conforme demonstram os exemplos apresentados a seguir. Na Praça Rotary Internacional encontramos conjuntos de bancos em forma de cubo feitos de concreto, os quais, sempre em número de quatro, estão localizados em torno de uma mesa em cujo tampo está impresso um quadriculado para jogo de damas (Figura 6). Além de rusticidade, esse conjunto apresenta durabilidade em função do material empregado em sua construção. A Praça Raposo Tavares apresenta banquetas individuais, as quais estão alinhadas e fixadas em um muro de contenção que “sustenta” um canteiro elevado de plantas (Figura 7). A Praça Napoleão Moreira da Silva foi trabalhada com dois tipos diferentes de bancos. Aproveitou-se a existência de canteiros elevados contidos por mureta de 30 centímetros de altura, e sobre a última fiada de tijolos foi implantado um tampo de concreto alisado contínuo, que serve como assento do banco (Figura 8). Outro banco dessa praça tem o formato “serpenteado”, passando por entre palmeiras imperiais/reais - *Roystonea* spp. - (Figura 9). Vamos encontrar nas praças Farroupilha e Vicente Simino bancos confeccionados na área livre que circunda as árvores. Ao mesmo tempo que se confere certa proteção à árvore, aproveita-se a estrutura existente que, melhorada, serve como banco (Figura 10). A Praça Pedro Álvares Cabral inovou o conceito de bancos até então vigente em Maringá, e criou uma estrutura contínua de concreto, onde o encosto dos bancos vai “serpenteando” o assento dos mesmos (Figura 11).



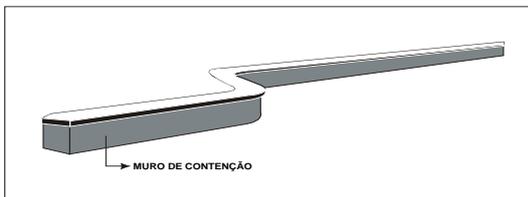
**Figura 6.** Esquema de banquetas e mesas sombreadas por quiosque. Fonte: Angelis (2000)

**Luminárias.** Há não muito tempo é que se descobriu o “poder mágico” da luz para definir o espaço. Luminárias iluminam edifícios circundantes às praças com focos de luz direcionados, fazendo com que o perímetro dessas seja realçado e melhor delimitado. As árvores, o pavimento e o resto do mobiliário passou a ser compreendidos em outra dimensão, de acordo com a qualidade da luz. O esmero na criação não reside somente na luminária, mas também no desenho do poste que a sustenta, pois é sabido que durante o dia essa estrutura é um elemento a mais a ser contemplado, o que permite melhorar qualitativamente o cenário urbano. É elemento de fundamental importância, seja nas praças seja na cidade como um todo, pois em grande parte é da iluminação que depende a compreensão e o funcionamento da *urbe* durante a noite. As luminárias têm a função precípua de iluminar, para tanto, por ocasião da escolha do tipo a ser utilizado deve-se levar em consideração a concorrência com a copa das árvores, sobretudo quando se trata de arborização urbana. Em função da arborização intensa na cidade de Maringá, o que se verifica é a substituição das luminárias altas (acima da copa das árvores) por outras de menor porte. O que constatamos nas luminárias junto às praças maringenses é que elas se restringem basicamente a dois grupos: superpostes (tipo trevo) e colunas. Aqueles têm cedido lugar a essas, tendo-se em vista sua maior funcionalidade e eficiência. Confeccionadas de ferro galvanizado, suportam um número variável de globos com respectivas lâmpadas. Encontramos ainda um terceiro tipo de luminárias direcionadas - os projetores -, cuja função é a de destacar qualquer estrutura em um espaço. Em linhas gerais podemos afirmar que as luminárias da praças de Maringá são totalmente desprovidas de

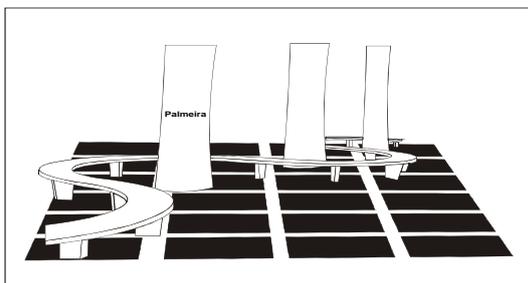
criatividade. A homogeneidade dos tipos utilizados atesta a confecção seriada desse equipamento. Se por um lado esse procedimento implica menor custo de implantação e manutenção, por outro determina o surgimento de praças semelhantes e, conseqüentemente, monótonas no que diz respeito à iluminação noturna e *design* das luminárias. O problema reside no fato de que, comumente, enxergamos as luminárias apenas como um elemento cuja função seja de iluminar. Seus atributos são muitos outros, seja para dar destaque a uma obra de arte, iluminar uma fonte ou mesmo acentuar a beleza plástica de uma árvore ou outra espécie vegetal. Outros tipos de luminárias poderiam ser utilizados, como por exemplo balizas ao longo dos caminhos, e holofotes direcionados. Nas Figuras 14 e 15 apresentam-se esquemas das luminárias de maior ocorrência nas praças de Maringá.



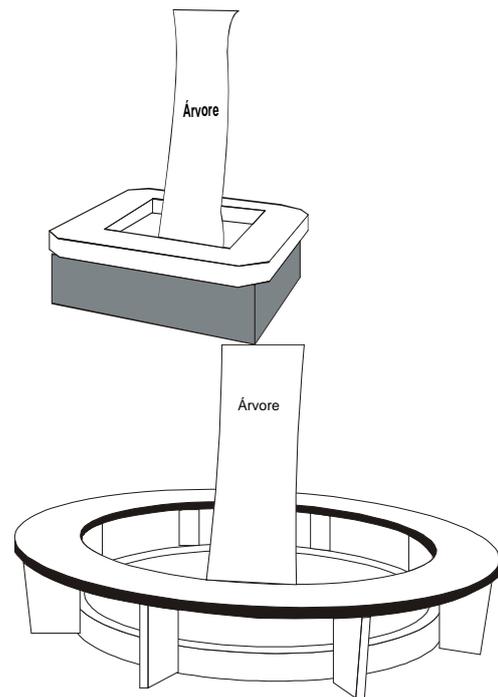
**Figura 7.** Esquema de banquetas fixadas em muro de contenção. Fonte: Angelis (2000)



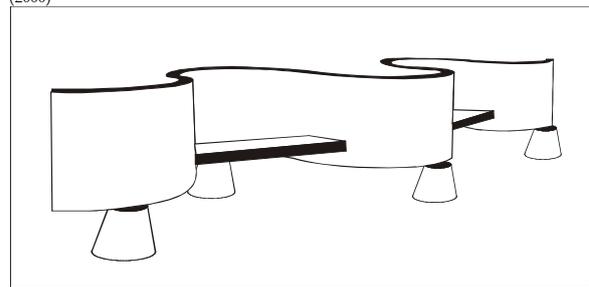
**Figura 8.** Esquema de banco adaptado sobre mureta. Fonte: Angelis (2000)



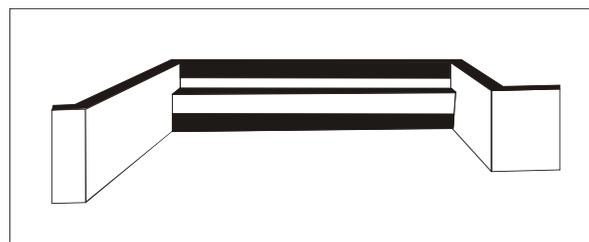
**Figura 9.** Esquema de banco "serpenteadado". Fonte: Angelis (2000)



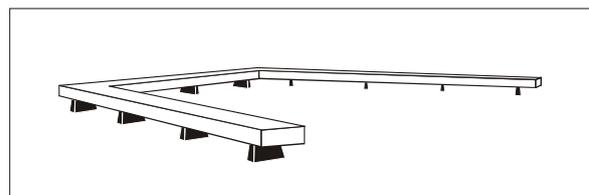
**Figura 10.** Esquema de bancos no entorno de árvore. Fonte: Angelis (2000)



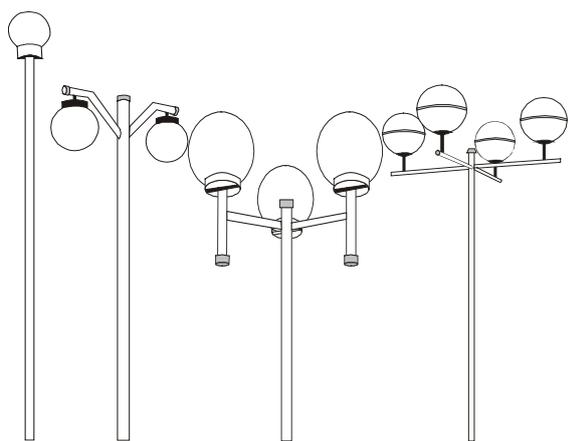
**Figura 11.** Esquema de banco com assento reto e encosto "serpenteadado". Fonte: Angelis (2000)



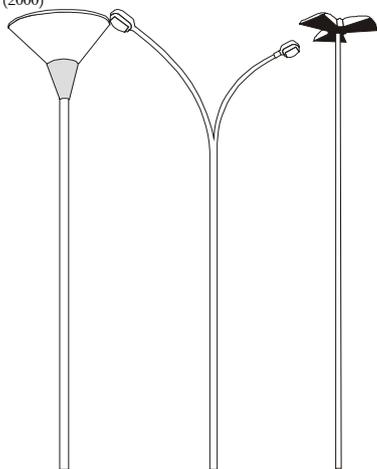
**Figura 12.** Esquema de banco recuado em que se aproveitou o muro de contenção como encosto. Fonte: Angelis (2000)



**Figura 13.** Esquema de banco coletivo em forma de "U". Fonte: Angelis (2000)



**Figura 14.** Esquema de luminárias tipo poste presentes nas praças de Maringá com um, dois, três e quatro globos, respectivamente. Fonte: Angelis (2000)



**Figura 15.** Esquema de luminárias tipo superposte presentes nas praças de Maringá, encimada por "tulipa", bifurcada e encimada por "trevo", respectivamente. Fonte: Angelis (2000)

**Pisos.** O uso de diferentes tipos de piso está ligado às práticas urbanizadoras particulares de cada cidade. Determinadas cidades padronizam o piso a ser utilizado, enquanto outras não têm preocupação com essa normatização. Mascaró (1987) classifica os pisos em três grupos: lisos (concreto de cimento alisado, granito polido), semi-rugoso (lajotas, tijolos, blockret, ladrilho hidráulico) e rugoso (paralelepípedo, pedra, grama). No caso específico das praças de Maringá constatam-se diferentes tipos de pavimentos, sendo que nas praças da região central esses são mais elaborados, enquanto os da periferia são confeccionados de concreto simples. Alguns tipos são mais usuais: ladrilho hidráulico trabalhado em cores e padronizações diferentes, blockret e placas de concreto rejuntadas ou não com grama. Em menor escala vamos encontrar *petit pave* e o paralelepípedo, ou pedra de cantaria. A falta de manutenção do pavimento das praças mais afastadas

da região central é uma constante, sujeitando quem faz uso desse espaço público a um acidente.

No conjunto da obra aqui representado pela inserção da praça na trama urbana e mobiliário, pode-se afirmar que a falta de criatividade tem marcado o trabalho dos planejadores urbanos em Maringá no que diz respeito a essas particularidades. A inserção das praças maringaenses em sua trama urbana passou por dois momentos distintos. O primeiro se estende da criação da cidade (1947) até fins da década de cinquenta, quando o desenho da mesma ainda seguia o projeto original. Nesse período predominavam as praças conformadas por uma única via, o que resultou em praças circulares. A partir dos anos sessenta Maringá se firma como pólo regional, trazendo uma expansão desorganizada e fora dos padrões convencionados em seu projeto. Como consequência surgem os loteamentos periféricos, cujo padrão urbanístico obedece à formação de quarteirões quadriculados, resultando, comumente, em praças conformadas por quatro vias. Isso significa praças quadriculadas ou retangulares. Outras variações são decorrentes da necessidade de permitir o fluxo de veículos por entre praças que já existiam, ou seja, a bipartição das mesmas.

Seus equipamentos e/ou estruturas (bancos, luminárias e pisos) padecem de um erro comum a qualquer cidade brasileira: a utilização de praticamente os mesmos materiais em sua confecção e o desenho repetitivo. A isso acresça-se a falta de tratamento adequado, sujeitando-os à ação das intempéries, expostos que estão às condições climáticas. Como consequência tem-se uma menor vida útil dos equipamentos, o que, associado à falta de manutenção renitente, seja preventiva seja corretiva, torna o ambiente das praças ainda menos prazeroso de se estar. Isso por sua vez concorre para o esvaziamento crescente desses espaços públicos. Quanto à tipologia, a análise feita deve estar embasada em outros parâmetros, visto que é a população, de acordo com o uso que faz desses espaços, quem, em última instância, determina as características que permitem classificá-las em diferentes categorias. Há que registrar que a localização da praça na trama urbana interfere em sua tipologia. consequentemente tem-se que as praças localizadas na área central da cidade são, em sua maioria, de atravessamento ou de passagem.

## Referências bibliográficas

- Angelis, B.L.D. *A praça no contexto das cidades - o caso de Maringá*, 2000. (Doctoral Thesis) - Universidade de São Paulo.
- Alexander, C. *Un lenguaje de patrones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- Caniggia, G. *Composizione architettonica e tipologia edificai*. Venezia: Marsiglio, 1984.
- Creus, M.Q. Espacios, muebles y elementos urbanos. In: Serra, J.M. *Elementos urbanos: mobiliário y microarquitectura*. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1997. p.6-14.
- Dodi, L. *Elementi di urbanistica*. Milano: Cesare Tamburini, 1946.
- Lamas, J.M.R.G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.
- Lynch, D. Guidelines for development of open space in downtown San Francisco. In: \_\_\_\_\_. *Landscape Architecture*, 1978.
- Lynch, K. *La imagen de la ciudad*. Madrid: Ediciones Infinito, 1966.
- Macedo, S.S. Os espaços livres de edificação e o desenho da paisagem. In: SEMINÁRIO SOBRE DESENHO URBANO NO BRASIL, 2., 1986, Brasília. *Anais...* São Paulo: Pini; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: Finep, 1986. p. 103-110.
- Mascaró, J.L. *Desenho urbano e custos de urbanização*. Brasília: Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, 1987.
- Matas Colom, J. *Las plazas de Santiago*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 1983.
- Motta, F.L. *Desenho e emancipação*. São Paulo: Fauusp, 1970.
- Moughtin, J.C. *Urban design: street and square*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1992.
- Pelizzari, M.R. Vita di piazza nel mezzogiorno moderno. In: Vitale, M.; Scafoglio, D. (Org.). *La piazza nella storia: eventi, liturgie, rappresentazioni*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1995. p.91-106.
- Rigotti, G. *Urbanistica - la tecnica*. 2. ed. Torino: Editrice Torinese, 1956.
- Sitte, C. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.
- Tandy, C. (Ed.). *Paisaje urbano*. Madrid: Blume, 1980.
- Zmitrowicz, W.; Angelis Neto, G. *Infra-estrutura urbana*. São Paulo: Edusp, 1997 (Texto Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, TT/PCC/17).
- Zucker, P. *Town and square: from the agora to the village green*. New York: Columbia Press, 1959.

Received on September 19, 2000.

Accepted on November 28, 2000.